

**Potencial e Perfil Empreendedor do Estudante de Administração e o Ambiente
Universitário: Investigação em três IES de São Paulo**

EDSON SADAÓ IIZUKA
Centro Universitário da FEI
edsonsadao@gmail.com

GUSTAVO HERMÍNIO SALATI MARCONDES DE MORAES
Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado
gustavo.moraes@gvmail.br

**Potencial e Perfil Empreendedor do Estudante de Administração e o Ambiente
Universitário: Investigação em três IES de São Paulo**

Resumo

Essa pesquisa buscou investigar, inicialmente, se o potencial (antecedentes ao ensino superior) influencia o perfil empreendedor dos universitários. Objetivou-se analisar, a partir dos diferentes potenciais e perfis empreendedores, possíveis relações com as expectativas dos alunos (ingressantes) e avaliação retrospectiva (formandos) sobre o ambiente empreendedor universitário (ensino, pesquisa e extensão). Realizou-se a pesquisa em três instituições de ensino superior de São Paulo, com uma amostra de 338 estudantes, utilizando-se uma análise multivariada de dados. Os resultados confirmaram as hipóteses e podem estimular as instituições de ensino superior brasileiras a repensarem ou aperfeiçoarem os seus ambientes universitários tendo em vista o empreendedorismo.

Palavras-chave: Potencial empreendedor, perfil empreendedor, ambiente universitário.

Abstract

This research investigates initially the potential (antecedents to higher education) influences the entrepreneurial university profile. The objective was analyze, from different profiles and potential entrepreneurs, possible relationships with the expectations of students (first semester) and retrospective review (last semester) on the entrepreneurial university environment (teaching, research and extension). We conducted research in three institutions of higher education in São Paulo, with a sample of 338 students, using a multivariate data analysis. The results confirmed the hypotheses and can stimulate the Brazilian higher education institutions to rethink and improve their university environments with a view entrepreneurship education.

Keywords: Potential entrepreneur, entrepreneurial profile, university environment.

1. Introdução

Sob o ponto de vista da pesquisa, o ensino e aprendizagem é um dos temas mais frequentes e tradicionais de investigação científica. Essa é uma temática que tem despertado a atenção de um conjunto considerável de pesquisadores que se dedicam ao campo do empreendedorismo no Brasil (Iizuka & Fujita, 2013).

As análises sobre o ensino e aprendizagem relacionados ao empreendedorismo incluem pesquisas sobre os tipos de cursos ofertados aos estudantes, ou seja, se mais dedicados à aquisição de *know how* gerencial ou se direcionados ao enfoque empreendedor em que se estimula o autoconhecimento dos estudantes (Ferreira & Mattos, 2004). Esses mesmos autores destacaram a influência das instituições de ensino superior (IES) no fomento à postura empreendedora, assim como na demonstração de que o empreendedorismo é uma alternativa de carreira (Ferreira & Mattos, 2004). Nessa direção, Santos, Minuzzi e Cruz (2007) argumentaram em torno da necessidade de que as IES adotem um currículo que explore e desenvolva o potencial dos alunos para o mundo corporativo.

Entretanto, é preciso reconhecer que, em alguns casos, o ensino e a aprendizagem do empreendedorismo tem se caracterizado por pressupostos reificados, assim como por uma racionalidade meramente instrumental e limitado à elaboração de Planos de Negócio (Paiva Júnior, Almeida, & Oliveira, 2007). Por essa razão, esses mesmos autores argumentaram em torno da necessidade em se educar a partir de uma postura crítica, devidamente contextualizada, a partir de uma relação dialógica entre alunos e professores.

Assim, Fillion (2000) defendeu que o ensino e a aprendizagem do empreendedorismo exige mais do que a mera aquisição do saber, ou seja, inclui o saber ser e o saber fazer. Contudo, existem inúmeros desafios para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de maneira efetiva. Saraiva e Souza (2009), por exemplo, indicaram que, em geral, as iniciativas de ensinar o empreendedorismo são pontuais e pouco articuladas com as demais disciplinas do curso, num contexto em que existe a falta da capacitação docente, assim como a indefinição institucional quanto ao perfil do egresso.

Por outro lado, é necessário considerar que o mercado de trabalho passa por um processo de mudança considerável nos padrões de relações de trabalho, no qual o emprego formal em grandes empresas encontra-se em declínio (Martens & Freitas, 2006). Em geral, nas vagas de emprego mais concorridas, o jovem tem sido cobrado com relação à sua capacidade como intra-empresários, ou seja, se são capazes de proporem produtos e serviços inovadores, atuando como agentes de mudança, como se fossem os próprios proprietários do negócio (Greatti, Gralik, Vieira, & Sela, 2010). Esse cenário tem estimulado a que as IES considerem, cada vez mais, o empreendedorismo como alternativa de carreira e trabalho.

Nesse contexto, parece ser relevante a adoção de um tipo de ensino crítico e contextualizado, não se limitando aos aspectos técnicos dissociados ao contexto e as demandas concretas dos alunos. Entretanto, um conjunto relevante de educadores reconhece que o atual sistema de ensino enfatiza a aquisição do conhecimento. Algo que está em sintonia com a análise de Greatti et al. (2010, p. 5): “não se preocupa com o desenvolvimento de habilidades específicas para o uso produtivo desse conhecimento (...) as metodologias tradicionais de ensino não enfocam o desenvolvimento da cultura empreendedora”.

Além dos desafios vividos pelas IES, o próprio curso e o currículo utilizado, a capacitação dos docentes, entre outros, existe a perspectiva de análise que recai sobre os estudantes. Afinal, quem são os jovens que estão ingressando nos cursos de Administração?

As instituições, os currículos e os docentes podem estar preparados para um ambiente em que o empreendedorismo seja estimulado; contudo, e se os estudantes não estiverem preparados ou interessados por essa forma de atuação? Nesse sentido, Santos, Minuzzi e Cruz (2007, p. 8) defenderam o seguinte:

[...] deve-se dar atenção, antes de tudo, ao estabelecimento do perfil empreendedor dos alunos que compõem a turma, que pode ter origem na cultura familiar, ligada aos negócios, e a partir daí focar também no desenvolvimento dos traços psicológicos ligados ao empreendedorismo.

Assim, as questões norteadoras da pesquisa são: quais são os seus potenciais e perfis empreendedores dos universitários? Existe relação entre o potencial e o perfil empreendedor dos estudantes universitários? E, finalmente, a seguinte pergunta: Em que medida os diferentes potenciais e perfis empreendedores dos estudantes universitários influenciam as expectativas (ingressantes) e a avaliação retrospectiva (concluintes) do ambiente universitário? Apesar de ser um assunto tradicional entre os pesquisadores brasileiros, o enfoque sobre as percepções dos estudantes são incipientes.

Pretende-se contribuir com um debate a partir da ótica discente numa perspectiva mais abrangente, contemplando aspectos relacionados ao ambiente universitário, ou seja, iniciativas relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão. A premissa adotada nesta pesquisa é a de que o estudante está exposto ao longo da sua vida universitária a diversas situações, dentro e fora da sala de aula, e que o conjunto dessas experiências no ambiente universitário pode estimular (ou não) o empreendedorismo entre os alunos.

O objetivo desta pesquisa é compreender o potencial empreendedor (aspectos antecedentes ao ensino superior) e o perfil empreendedor dos estudantes de Administração em três IES da cidade de São Paulo. Acredita-se que tal perspectiva de investigação seja útil e relevante às IES interessadas no ensino e aprendizagem do empreendedorismo. Além disso, sob o ponto de vista acadêmico, objetiva-se o seguinte: (i) analisar o potencial do estudante (antes da vida universitária); (ii) validar a possível relação entre o potencial e o perfil empreendedor; (iii) apresentar uma avaliação discente do ambiente universitário (ensino, pesquisa e extensão) e, finalmente, (iv) discutir possíveis implicações para as instituições de ensino.

Para responder as questões de pesquisa e atender aos objetivos, estruturou-se o trabalho da seguinte forma: após a introdução, será apresentada uma revisão teórica sobre o ambiente universitário, o ensino e aprendizagem do empreendedorismo e, finalmente, o potencial e o perfil empreendedor; em seguida serão apresentados os procedimentos metodológicos; a partir disso, serão apresentados os resultados e as análises; como próximo passo serão apresentadas as conclusões da pesquisa e, finalmente, as referências utilizadas.

2. Revisão Teórica

2.1 Ambiente Universitário

A Constituição Federal de 1988 no seu artigo 207 estabelece que as universidades brasileiras devem respeitar a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Contudo, os debates iniciais ocorreram na década de 1960 e foi impulsionada pelos movimentos estudantis. Nas décadas de 1970 e 1980 as discussões são retomadas pelos

movimentos sociais, na esteira do processo de abertura política e redemocratização brasileira, consolidando-se, finalmente, na promulgação da Carta Magna de 1988 (Maciel, 2010).

Entretanto, os pesquisadores têm direcionado seus esforços aos aspectos relacionados ao ensino, ou seja, análises sobre o projeto pedagógico, críticas e propostas focadas na grade curricular, avaliações sobre as técnicas utilizadas pelos professores, estudos de caso de experiências desenvolvidas em determinada instituição de ensino (Garay & Duhá, 2004; Ramos & Ferreira, 2004; Souza et al., 2004; Antonello & Dutra, 2005; Martens & Freitas, 2006; Saraiva & Souza, 2009; Rocha & Bacchi, 2010).

Por outro lado, reconhece-se que o ambiente universitário é constituído por atividades de ensino, pesquisa e extensão. No âmbito da pesquisa, os trabalhos de conclusão de curso, assim como nos projetos de iniciação científica e até mesmo pesquisas que ocorrem nas diferentes disciplinas podem focalizar a temática do empreendedorismo. As atividades de extensão, por sua vez, incluem diversas atividades, tais como as palestras, eventos, *workshops*, oficinas, incubadoras de empresas, empresas juniores, diretórios e centros acadêmicos, atléticas e outras organizações estudantis, ou seja, os alunos têm a possibilidade de colocar em prática o empreendedorismo. Assim, para efeitos desta pesquisa, adotou-se a nomenclatura “ambiente empreendedor” para conceituar os diferentes espaços no ensino, na pesquisa e na extensão que o universitário tem à sua disposição numa instituição de ensino superior.

2.2 Potencial Empreendedor do Estudante Universitário

As pesquisas sobre ensino e aprendizagem privilegiam discussões acerca das diferenças institucionais, distinguem currículos e práticas de ensino, mas, em geral, negligenciam os interesses, os anseios e as vocações dos estudantes universitários. Nesse contexto, parece que os universitários são pessoas uniformes, desprovidos de valores, desejos e ambições.

Contudo, qualquer estudante em nível superior possui, pelo menos, doze anos de estudos e experiências em instituições de ensino. Considerando-se a convivência com familiares, amigos e colegas, esses estudantes vivenciaram, ao menos, dezesseis anos em ambientes formais e informais. Durante o período pré-universitário, esses jovens podem ter participado de atividades em igrejas, clubes, movimentos sociais e políticos, negócios familiares, trabalhos voluntários etc. Assim, os estudantes que ingressam no ensino superior trazem consigo um conjunto de experiências, práticas e vivências que, em tese, não deveria ser ignorado.

Nessa direção, alguns autores apresentaram argumentos que tendem a valorizar a história pregressa dos estudantes universitários. Em pesquisa sobre o ensino do empreendedorismo numa IES, Souza Neto et al. (2007, p.1) observaram o seguinte: “[...] só despertou o desejo de empreender em quem já tinha condições sociais e culturais favoráveis”. Seguindo-se esse raciocínio, os jovens que conviveram em condições sociais e culturais desfavoráveis não se interessaram pelo empreendedorismo. Ferreira e Mattos (2004) constataram que os estudantes cujos pais tinham um negócio relataram, de maneira espontânea, vivências no empreendimento familiar, mas, ao mesmo tempo, esses jovens não associavam tais experiências ao ambiente escolar. Ou seja, essa pesquisa parece indicar um descompasso entre o que ocorria na vida dos estudantes e as atividades escolares.

A linha de raciocínio de Ferreira e Mattos (2004, p. 13) contribui com a compreensão de que os grupos sociais mais próximos tendem a influenciar o potencial e perfil empreendedor dos estudantes, ou seja, isso extrapola o ambiente escolar:

[...] análise dos depoimentos mostra que, para se entender a formação empreendedora, tão importante quanto as próprias práticas da escola, é o contexto histórico-social em que está inserido o jovem e a cultura que o cerca, em nível familiar, ou de outros grupos sociais mais próximos.

Dolabela (1999) considera que o indivíduo que possui em seu convívio pessoas empreendedoras tem maior possibilidade de também se tornar empreendedor, especialmente se estas pessoas fizerem parte do seu nível primário de relação.

Nessa mesma direção, é válido considerar o papel das mães no sentido de influenciar o potencial empreendedor dos jovens. Em 2003, a Babson School lançou um DVD (*Lemonade Stories*) com a história de oito empreendedores que alcançaram sucesso em suas atividades, em diversas áreas e com diferentes perfis, mas que tinham um ponto em comum entre eles: o apoio total das mães às ideias dos empreendedores desde a mais tenra idade. E isso, de fato, parece ter algum sentido, pois apoiar os filhos desde cedo, apoiando-os em suas ideias, tende a gerar um clima de autoconfiança, independência e tolerância aos erros, favorecendo a que as crianças possam assumir os riscos sobre o que fazem. Murray (1973), por sua vez, concluiu que as mães mais severas mantinham seus filhos mais dependentes da família ao inibirem a autoconfiança dos mesmos e, em contrapartida, as mães menos severas e motivadoras encorajavam seus filhos a serem mais independentes e autoconfiantes.

Assim, parece haver algum grau de correlação entre o apoio materno e a construção de um potencial empreendedor nas crianças e jovens.

Após as breves considerações acerca do histórico dos jovens pré-universitários, apresenta-se a Figura 1, a qual busca sintetizar as variáveis referentes ao potencial empreendedor:

Potencial Empreendedor – Indicadores	Explicação dos Indicadores	Referências
Atividades anteriores ao período Universitário	Quanto maior e mais diversificado o conjunto de atividades realizadas, maior o potencial empreendedor do estudante.	Existe uma ausência na literatura consultada; constitui-se, talvez, numa lacuna. Considera-se um indicador relevante para compreender o potencial empreendedor, na medida em que se trata de experiências e iniciativas concretas dos jovens anteriores ao período universitário.
Parentes de primeiro grau com negócio próprio	A existência de parentes de primeiro grau com negócio próprio e sua proximidade com o estudante indicam um ambiente familiar mais propício do desenvolvimento do potencial empreendedor	Matthew & Moser (1996) Scherer & Adams (1988)
Papel da mãe	Quanto maior o nível do apoio oferecido pela mãe ao estudante ao longo de sua vida influencia na sua autoconfiança; tal aspecto tende a favorecer o potencial empreendedor do estudante.	<i>Lemonade Stories</i> (2003) Murray (1973)

Figura 1. Variáveis referentes ao Potencial Empreendedor

Em resumo, argumenta-se que o estudante que chega às universidades não é um “papel em branco”, pois possuem histórias distintas, as quais sofreram influências a partir das suas convivências em diferentes redes, diferentes ambientes sociais e culturais. Acredita-se que o período pré-universitário é relevante no sentido de se compreender o potencial empreendedor dos estudantes.

2.3 Perfil Empreendedor do Estudante Universitário

Há uma extensa literatura a respeito das características comportamentais dos empreendedores. Um dos principais trabalhos realizados envolvendo essas características foi desenvolvido num clássico trabalho de McClelland (1961), o qual estabeleceu relações entre a motivação empreendedora e a necessidade de realização determinando as motivações que fazem uma pessoa agir de maneira empreendedora.

A partir do estudo seminal de McClelland (1961) desenvolveu-se um instrumento para mensurar o perfil empreendedor tomando como base uma multiplicidade de fatores relacionados a esse tipo de atividade. Tal instrumento contempla dez características de comportamento empreendedor identificadas em empresários bem sucedidos em diferentes países, tal como apresentado na Figura 2:

Perfil Empreendedor – Indicadores	
1. Necessidade de Realização	2. Auto-eficaz
3. Inovador	4. Liderança e Persuasão
5. Detecta Oportunidades	6. Persistência
7. Sociável e Rede de Contatos	8. Planejador
9. Autoconfiança	10. Assume Riscos Calculados

Figura 2. Indicadores do perfil empreendedor

Fonte: Adaptado de Hecke (2011) e Bohnenberger; Schmidt e Freitas (2007)

Os autores trabalharam no sentido de obter um conjunto de indicadores que fosse ao mesmo tempo relevante e sintético, de tal forma que o número de questões mantivesse numa quantidade razoável, tendo em vista o público investigado, no caso os universitários.

Para analisar o perfil empreendedor do estudante de Administração, utilizaram-se os indicadores apresentados na Figura 3.

Perfil Empreendedor – Indicadores	Explicação dos Indicadores
Ser um empreendedor implicaria grande satisfação para mim – Necessidade de Realização e Inovador	Ser empreendedor é uma opção. Quanto maior a satisfação do estudante em ser empreendedor, aumenta-se a tendência para que o aluno seja empreendedor.
Creio que tenho uma boa habilidade em detectar oportunidades de negócio no mercado – Detecta Oportunidades	O fato de o aluno ter facilidade em detectar oportunidades de negócio as chances para que se torne empreendedor são maiores
Conheço várias pessoas que me poderiam auxiliar profissionalmente, caso eu precisasse – Sociável e Rede de Contatos	Quanto maior e melhor for a rede de contatos profissionais indicam que o estudante possui melhores chances para empreender com apoio das pessoas com as quais mantém contato.
Iniciar uma empresa e mantê-la funcionando seria fácil para mim – Auto-eficaz e Autoconfiança	A autoconfiança para iniciar um negócio e possuir os conhecimentos práticos para abrir e gerir uma empresa indicam que o estudante tem mais chances para empreender.
Eu conheço os detalhes práticos necessários para criar uma empresa – Auto-eficaz e Autoconfiança	A autoconfiança para iniciar um negócio e possuir os conhecimentos práticos para abrir e gerir uma empresa indicam que o estudante tem mais chances para empreender.
Nas atividades que executo, normalmente influencio a opinião de outras pessoas a respeito de um determinado assunto – Liderança e Persuasão	A capacidade de liderança, praticada por meio da persuasão e influência sobre as pessoas, é um dos indicadores de que a pessoa tem melhores possibilidades para empreender.
Freqüentemente as pessoas pedem minha opinião sobre os assuntos de trabalho – Liderança e Persuasão	A capacidade de liderança, praticada por meio da persuasão e influência sobre as pessoas, é um dos indicadores de que a pessoa tem melhores possibilidades para empreender.
Profissionalmente, me considero uma pessoa muito	Persistir diante dos problemas e desafios profissionais indica que

mais persistente que as demais – Persistência	o estudante possui mais condições para empreender.
No meu trabalho e/ou estudo, sempre planejo muito bem tudo o que faço – Planejador	As limitações diversas (tempo, recursos, acesso às pessoas, entre outras) impõem a necessidade de planejamento. Quanto mais o estudante planeja suas atividades, melhores são as suas chances de empreender.
Eu assumiria uma dívida de longo prazo, acreditando nas vantagens que uma oportunidade de negócio me traria – Assume Riscos Calculados	Empreender envolve riscos e quanto maior for o interesse em assumi-los tende-se a indicar um perfil mais empreendedor.
Me relaciono muito facilmente com outras pessoas – Sociável	O grau de facilidade em se relacionar com as pessoas é um elemento que aumentam as chances para empreender.
Tenho a firme intenção em criar uma empresa em breve – Necessidade de Realização e Auto-eficaz	O fato de o aluno querer concretizar suas ideias indica que ele possui um conceito positivo de eficácia sobre si próprio e de que busca concretizar seus planos e quanto maior for a intenção em abrir uma empresa, mais empreendedor é o estudante.

Figura 3. Indicadores do perfil empreendedor

Fonte: Adaptado a partir de Hecke (2011) e Bohnenberger; Schmidt e Freitas (2007)

Com o intuito de compreender as expectativas dos alunos ingressantes sobre o papel da instituição em relação ao empreendedorismo foram utilizados os indicadores apresentados na Figura 4.

Expectativas sobre a Instituição – Indicadores (início do curso)	Explicação dos Indicadores
a. Espero que o curso me auxilie a empreender.	Pretendeu-se analisar o nível de expectativa dos alunos com relação às matérias da grade curricular do curso de Administração os ajudem a empreender. Esse indicador refere-se, principalmente, aos aspectos relacionados ao ensino.
b. Espero que o ambiente da faculdade (eventos, contatos, palestras, atividades curriculares e extracurriculares) seja favorável ao empreendedorismo.	Além da sala de aula, outras atividades são realizadas no ambiente da instituição. Assim, buscou-se analisar, a partir da visão dos alunos, sobre o ambiente universitário em relação ao empreendedorismo. Tal indicador refere-se às atividades de pesquisa (iniciação científica, principalmente) e extensão.
c. Pretendo participar de atividades extracurriculares oferecidas pela instituição (Diretório Acadêmico, Empresa Júnior, etc.).	As organizações estudantis possibilitam o exercício do empreendedorismo no contexto da instituição. Buscou-se compreender as expectativas dos alunos em participarem dessas atividades. Esse indicador refere-se, principalmente, às atividades de extensão.

Figura 4. Indicadores da expectativa em relação ao empreendedorismo

Finalmente, para obter uma avaliação dos alunos concluintes sobre o ambiente empreendedor da instituição de ensino, foram utilizados os indicadores apresentados na Figura 5.

Avaliação Final da Instituição – Indicadores (fim do curso)	Explicação dos Indicadores
a. O curso me forneceu suporte para empreender.	Os alunos do 7º e 8º semestres avaliaram o quanto o curso de Administração propiciou apoio no sentido de favorecer o empreendedorismo.
b. O ambiente da faculdade (eventos, contatos, palestras, atividades curriculares e extracurriculares) foi favorável ao empreendedorismo.	Da mesma forma, esses alunos realizaram uma avaliação sobre o ambiente da faculdade.
c. Durante o curso de graduação você participou de alguma atividade extracurricular oferecida pela instituição?	Buscou-se avaliar o grau de adesão dos alunos às atividades promovidas pelas organizações estudantis.

Figura 5. Indicadores da avaliação do ambiente empreendedor da instituição – fim do curso

4. Modelo Conceitual da Pesquisa

A Figura 6 apresenta o modelo conceitual da pesquisa.

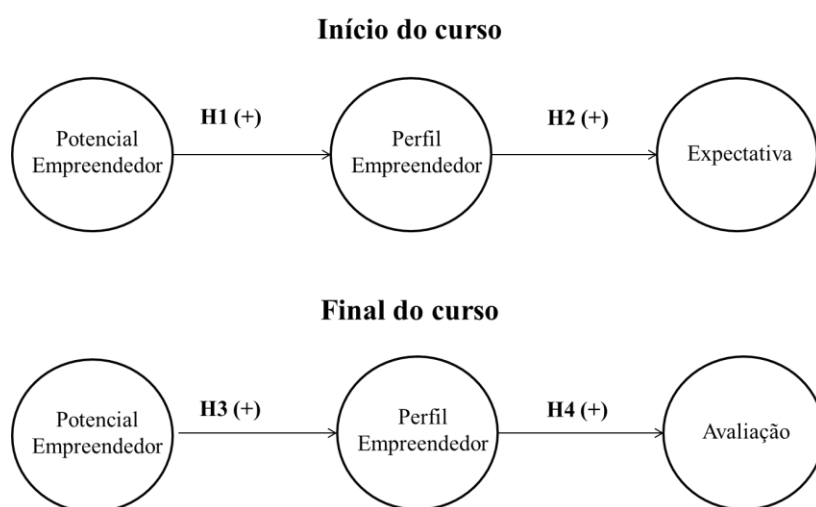


Figura 6. Modelo conceitual da pesquisa

A Figura 7 apresenta o resumo das hipóteses do presente estudo, com suas respectivas bases teóricas.

Hipóteses	Descrição	Base Teórica
H1	O potencial empreendedor do aluno ingressante influencia positivamente seu perfil empreendedor.	<p><u>Potencial Empreendedor</u>: Matthews e Moser (1996); Scherer e Adams (1988); <i>Lemonade Stories</i> (2003) e Murray (1973).</p> <p>Os construtos utilizados para avaliar o potencial empreendedor foram validados com, pelo menos, cinco docentes e pesquisadores da área de empreendedorismo.</p> <p><u>Perfil Empreendedor</u>: McClelland (1961); Hecke (2011) e Bohnenberger; Schmidt e Freitas (2007).</p> <p><u>Ambiente Universitário</u>: Maciel (2010) e Iizuka e Moraes (2013).</p>
H2	O perfil empreendedor do aluno ingressante influencia positivamente sua expectativa em relação ao ambiente universitário.	
H3	O potencial empreendedor do aluno em fase de conclusão de curso influencia positivamente seu perfil empreendedor.	
H4	O perfil empreendedor do aluno em fase de conclusão de curso influencia positivamente sua avaliação do ambiente universitário.	

Figura 7. Hipóteses do estudo

5. Aspectos Metodológicos

O estudo foi baseado em algumas recomendações de estudos futuros do artigo de Iizuka e Moras (2013), no qual foi analisado o perfil empreendedor do estudante de Administração de uma única instituição de ensino privada e a visão discente sobre o ambiente universitário, utilizando-se uma análise estatística descritiva.

Na presente pesquisa, foi utilizada uma metodologia quantitativa para o desenvolvimento dos aspectos metodológicos da pesquisa, através de análise multivariada de dados.

Tendo em vista as características da pesquisa, em que as teorias sobre o campo específico de pesquisa são pouco desenvolvidas, os objetivos são a predição e a explicação dos construtos apresentados, optou-se pela utilização do Partial Least Squares Path Modeling

(PLS-SEM), de acordo com as sugestões de Hair, Hult, Ringle e Sarstedt (2013).

Foram realizadas entrevistas com os alunos dos primeiros e dos últimos semestres do curso de Administração de três IES particulares da cidade de São Paulo, para obtenção dos dados para utilização do PLS-SEM, utilizando dois surveys para coleta de dados. As três instituições são pertencentes a fundações educacionais, sem fins lucrativos, sendo que duas delas são católicas. Essas instituições têm em comum o estímulo ao empreendedorismo, seja no ensino, na pesquisa e na extensão. Utilizou-se o critério de acessibilidade e conveniência para escolha dessas três IES (Lakatos & Marconi, 2010).

Os questionários foram validados por um grupo composto por especialistas e pesquisadores da área de empreendedorismo.

Foram consideradas válidas 338 respostas dos alunos, sendo 135 de alunos dos primeiros semestre e 203 de alunos dos últimos semestres.

Para verificar se o tamanho da amostra era adequado, foi realizado o teste por meio do software G*Power 3 (Faul, Erdfelder, Lang, & Buchner, 2007; Faul, Erdfelder, Buchner, & Lang, 2009), programa de análise estatística comumente utilizado nas ciências sociais, comportamentais e biomédicas.

Foi realizado o teste de análise post hoc (Cohen, 1988) para verificar a probabilidade de rejeitar H_0 quando ele não é verdadeiro ($1 - \beta$). Colocando-se os valores do presente estudo no software G*Power 3, com tamanho do efeito (f^2) de 0,10, obteve-se como resultado 0,99 no teste de poder ($1 - \beta$) para os dois casos (alunos dos primeiros semestres e alunos dos últimos semestres), valor considerado adequado para o tamanho da amostra.

Para os cálculos e validações dos testes estatísticos, desenvolvidos por meio da técnica de análise multivariada de modelagem por equações estruturais, foi utilizado o software SmartPLS 2.0.M3 (Ringle, Wende, & Will, 2005).

6. Descrição e Análise dos Resultados

Os critérios de avaliação de modelos de mensuração reflexivos, de acordo com Hair et al. (2013), são:

- a) Consistência interna (confiabilidade composta);
- b) Confiabilidade do indicador;
- c) Validade convergente (variância média extraída);
- d) Validade discriminante.

A validade convergente e discriminante dos construtos utilizados no modelo estrutural foi analisada por meio da Análise Fatorial Confirmatória (Hair et al., 2005).

Os construtos apresentaram indicadores com cargas altas em suas variáveis latentes, sendo a maioria deles superiores a 0,70, e cargas baixas nas demais variáveis latentes, indicando razoável validade discriminante e convergente (Chin, 1998). Os poucos indicadores que não apresentaram valor superior a 0,70 apresentaram valores muito próximos do aceitável.

Outro indicador utilizado para validação convergente do modelo é o valor da variância média extraída (AVE) que, como critério para validação, deve apresentar um valor superior a 0,5 (Hair, Ringle, & Sarstedt, 2011).

Uma medida principal utilizada para avaliar o modelo de mensuração, além do exame das cargas para cada indicador, é a confiabilidade composta de cada construto (Hair et al.,

2005; Hair et al., 2013). A confiabilidade composta descreve o grau em que os indicadores representam o construto latente em comum. Um valor de referência comumente usado para confiabilidade aceitável é 0,70.

A validade convergente também é verificada por meio da consistência interna. Um alto valor de consistência interna no construto indica que todas as variáveis representam o mesmo construto latente. A consistência interna é avaliada por meio do Alpha de Cronbach, que varia de 0 a 1, com altos valores indicando alto nível de consistência. Para estudos exploratórios, valores entre 0,60 e 0,70 são considerados aceitáveis (Nunally & Berstein, 1994; Hair et al., 2013).

Para averiguar a validade discriminante entre os construtos, foi analisada a matriz de correlação estimada e a raiz quadrada da variância média extraída dos construtos. A raiz quadrada da AVE dos construtos deve ser maior que a correlação entre as variáveis latentes (Fornell & Larcker, 1981). Dessa forma, a Tabela 1 apresenta tais valores, considerados adequados para validade discriminante. Na diagonal destacam-se os valores da raiz quadrada da variância média extraída dos construtos.

A Tabela 1 apresenta todos os indicadores mencionados.

Tabela 1. Síntese da avaliação dos modelos de mensuração

	Início do curso				Final do curso		
	Expectativa	Perfil	Potencial		Avaliação	Perfil	Potencial
Expectativa	0,930				Expectativa	0,889	
Perfil	0,579	0,694			Perfil	0,623	0,680
Potencial	0,269	0,397	0,687		Potencial	0,052	0,380
AVE	0,864	0,482	0,471		AVE	0,791	0,463
Confiabilidade Composta	0,927	0,823	0,727		Confiabilidade Composta	0,883	0,811
Cronbachs Alpha	0,844	0,736	0,538		Cronbachs Alpha	0,739	0,728

Os valores da maioria dos indicadores apresentados estão dentro do estabelecido pelos autores, com algumas exceções, como os valores de AVE do Perfil e do Potencial das duas amostras, e o valor de Confiabilidade Composta do Potencial para alunos dos últimos semestres, que estão muito próximas do estabelecido.

Os valores da consistência interna para o indicador Potencial também estão abaixo do adequado nos dois casos. Porém, de acordo com Hair et al. (2013) o Alfa de Cronbach é sensível ao número de itens da escala e, geralmente, tende a subestimar a consistência interna, sendo mais apropriado realizar a avaliação pela confiabilidade composta, na qual o indicador apresentou valores adequados.

A técnica *bootstrapping* foi utilizada para análise das significâncias dos indicadores (Efron & Tibshirani, 1998). A utilização da técnica *bootstrapping* para analisar a significância das cargas obtidas para as variáveis observáveis não se baseia só em uma estimação de modelo, mas calcula estimativas de parâmetros e seus intervalos de confiança com base em múltiplas estimações (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005; Hair, Hult, Ringle, & Sarstedt, 2013).

Nesta pesquisa, realizou-se uma reamostragem, com reposição de 135 casos (amostra do primeiro ano) e 203 casos (amostra do último ano), de acordo com as recomendações de Hair et al. (2013).

Dessa forma, a estatística t de *Student* analisa a hipótese de que os coeficientes de correlação são iguais a zero. Caso os resultados deste teste indiquem valores superiores a 1,96, a hipótese é rejeitada e a correlação é significativa (Efron & Tibshirani, 1998; Hair et al., 2013).

A Tabela 2 apresenta os valores dos coeficientes entre os construtos e as respectivas estatísticas t de *Student*. Todos os valores dos relacionamentos apresentaram valores de t de *Student* superiores a 1,96 (nível de significância = 5%).

Tabela 2. Coeficientes do modelo estrutural – entre construtos

Início do curso				
Relação entre Construtos	Coefficiente Estrutural (Médio)	Desvio Padrão	Teste - T	p-value (bicaudal)
Potencial -> Perfil	0,413	0,074	5,344	0,000
Perfil -> Expectativa	0,587	0,057	10,083	0,000
Final do curso				
Relação entre Construtos	Coefficiente Estrutural (Médio)	Desvio Padrão	Teste - T	p-value (bicaudal)
Potencial -> Perfil	0,383	0,075	5,100	0,000
Perfil -> Avaliação	0,629	0,048	12,942	0,000

A Figura 8 apresenta o modelo resultante com a síntese das validações das hipóteses.

O coeficiente de determinação, simbolizado por r^2 , indica quanto da variação total é comum aos elementos que constituem os pares analisados.

Cohen (1977) propõe uma escala para a classificação do coeficiente de determinação, sendo r^2 igual a 10% considerado baixo, r^2 igual a 30% considerado médio e r^2 igual a 50% considerado alto.

Analisando-se o coeficiente de determinação (r^2), de acordo com a escala apresentada, o modelo apresenta médio valor tanto para Expectativa (alunos dos primeiros semestres) quanto para Avaliação (alunos dos últimos semestres), sendo os valores respectivamente 0,34 e 0,39. Para o Potencial Empreendedor os valores são considerados baixos, porém adequados, para os dois modelos, sendo 0,16 para o modelo dos primeiros semestres e 0,14 para o modelo dos últimos semestres.

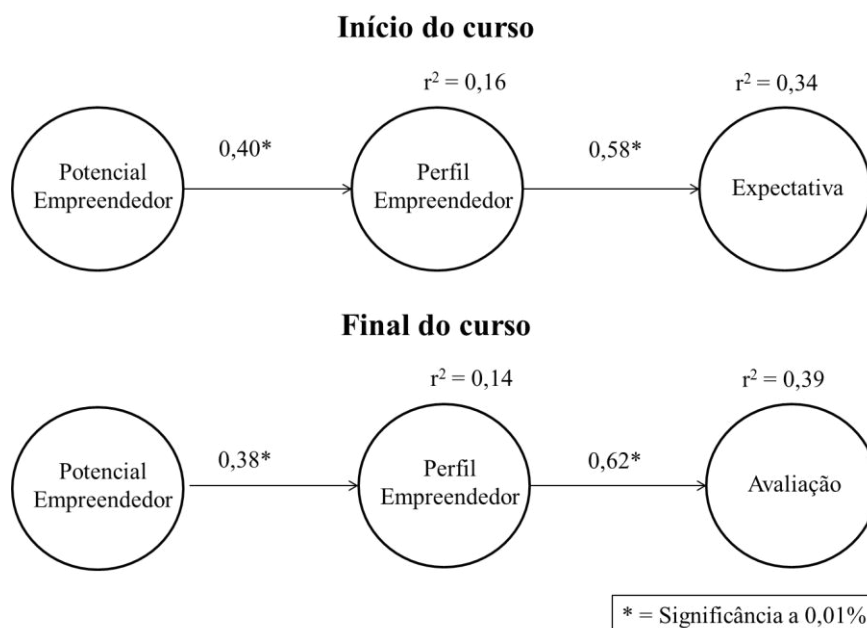


Figura 8. Síntese de validação das hipóteses conforme o modelo conceitual

A Figura 9 apresenta uma síntese dos testes de hipóteses do estudo.

Hipóteses	Descrição	Resultado
H1	O potencial empreendedor do aluno ingressante influencia positivamente seu perfil empreendedor.	Confirmada
H2	O perfil empreendedor do aluno ingressante influencia positivamente sua expectativa em relação ao curso.	Confirmada
H3	O potencial empreendedor do aluno em fase de conclusão de curso influencia positivamente seu perfil empreendedor.	Confirmada
H4	O perfil empreendedor do aluno em fase de conclusão de curso influencia positivamente sua avaliação do curso.	Confirmada

Figura 9. Síntese dos testes de hipóteses do estudo

6. Considerações Finais

Esta pesquisa buscou investigar e analisar o potencial e perfil empreendedor dos estudantes de Administração de três instituições de ensino superior privadas de São Paulo, testando a relação entre essas variáveis e com a expectativa e avaliação do corpo discente sobre o ambiente universitário.

De acordo com os resultados obtidos, pode-se perceber que os indicadores atribuídos ao Potencial Empreendedor (atividades anteriores ao período universitário, parentes de primeiro grau com negócio próprio e papel da mãe) conseguiram explicar o construto de forma adequada, tanto para alunos ingressantes quanto para alunos em fase de conclusão do curso.

Porém, apesar das Hipóteses 1 e 3 terem sido confirmadas, o Potencial Empreendedor explica pouco mais de 14% da variância do construto Perfil Empreendedor nos dois casos, o que sugere que outras variáveis interferem nessa relação, ou que o Potencial Empreendedor necessita de mais indicadores. Mesmo assim, comprova-se que a história pessoal do aluno,

com suas convivências em diferentes redes, distintos ambientes sociais e culturais, experiências familiares e pessoais fazem parte da formação de seu potencial empreendedor.

Na Hipótese 2, também confirmada, percebeu-se que os alunos que já apresentam um potencial e perfil empreendedor, têm uma expectativa maior em relação ao curso. Nesse caso, o Perfil Empreendedor explica 33,5% da variância do construto Expectativa, assim, apesar de outras variáveis interferirem nessa relação, o valor é considerado adequado.

No caso da Hipótese 4, o Perfil Empreendedor explicou 38,8% da variância do construto Avaliação, ou seja, boa parte da Avaliação em relação ao curso é determinada pelo perfil e potencial empreendedor do aluno.

Dessa forma, os alunos com potencial e perfil empreendedor são os que avaliaram de maneira positiva o ambiente universitário; ao contrário disso, os alunos com baixo potencial e perfil empreendedor atribuíram uma nota mais baixa para o ambiente universitário.

As confirmações das hipóteses possibilitam uma reflexão crítica acerca do ambiente universitário e o empreendedorismo. Um argumento frequente é o de que as instituições de ensino devem estimular o empreendedorismo entre os alunos. Contudo, poucos estudos buscaram entender quem são os alunos e quais são os seus interesses. Além disso, existe uma premissa implícita: os alunos não são empreendedores. Ou seja, a possibilidade de que o estudante já seja empreendedor é ignorada por diversas instituições de ensino. Por outro lado, os alunos que não querem empreender, por qualquer motivo, não podem ser ignorados.

Sendo assim, a instituição de ensino não pode adotar uma única estratégia de ensino, pesquisa e extensão, pois os interesses e necessidades dos discentes captadas nesta pesquisa demonstraram que os alunos com baixo potencial e perfil empreendedor não estão abertos a aprenderem assuntos relacionados ao empreendedorismo. Assim, é muito provável que ainda que houvesse as melhores alternativas para estimular e concretizar o empreendedorismo, esses alunos continuariam a avaliar negativamente o ambiente universitário. O desafio para as instituições de ensino é propiciar um ambiente universitário plural e flexível, tanto quanto possível.

As implicações para a instituição de ensino a partir dessas constatações são: o empreendedorismo não pode ser visto como algo necessário e útil a todos os alunos; uma possível revisão da grade curricular e melhoria das disciplinas devem contemplar uma educação empreendedora, mas com parcimônia. A instituição de ensino não precisa estimular os estudantes que já são empreendedores – ao contrário disso, pode-se estimular que esses estudantes compartilhem as suas experiências com seus colegas; caso contrário, estarão subutilizando um potencial pré-existente.

O estudo buscou colaborar com reflexões complementares aos estudos sobre empreendedorismo realizados no Brasil, dando ênfase à importância da mensuração do potencial e perfil empreendedor dos alunos para o aperfeiçoamento dos ambientes universitários, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão, tendo em vista o empreendedorismo.

Referências

Antonello, C. S., & Dutra, M. L. S. (2005). Projeto Pedagógico: Uma Proposta Para o Desenvolvimento de Competências de Alunos do Curso de Administração, com Foco no Empreendedorismo. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

- Bohnenberger, M. C., Schmidt, S., & Freitas, E. C. (2007). A Influência da Família na Formação Empreendedora. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Chin, W. W. (1998). **The Partial Least Squares Approach to Structural Equation Modeling**. In G. A. Marcoulides (Ed.), *Modern Methods for Business Research* (pp. 295-358). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Cohen, J. (1977). **Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences**. Revised Edition. New York: Academic Press, Inc.
- Cohen, J. (1988). **Statistical power analysis for the behavioral sciences** (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Dolabela, F. (1999). Uma revolução no ensino universitário de empreendedorismo no Brasil. A metodologia da Oficina do Empreendedor. **44th ICSB World Conference**, Nápoles.
- Efron, B., & Tibshirani, R. J. (1998). **An introduction to the bootstrap**. Chapman & Hall / CRC Press.
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A.-G., & Buchner, A. (2007). G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. **Behavior Research Methods**, 39, 175-191.
- Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A.-G. (2009). Statistical power analyses using G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. **Behavior Research Methods**, 41, 1149-1160.
- Ferreira, P. G. G., & Mattos, P. L. C. L. (2004). Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos Cursos de Graduação em Administração: os Estudantes Levantam o Problema. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Filion, L. J. (2000). **O empreendedorismo como tema de estudos superiores: panorama brasileiro**. In: **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte** / Instituto Evaldo Lodi. Cap. 4. Brasília: CNI. IEL Nacional.
- Fornell, C., & Larcker, D.F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. **Journal of Marketing Research**. 18 (1), 39-50.
- Garay, A. B. S., & Duhá, A. H. (2004). Um Programa de Desenvolvimento de Competências com base na Avaliação do Perfil do Aluno e seu Acompanhamento ao Longo do Curso: O Caso dos Alunos que Buscam Formação em Administração – Foco em Empreendedorismo e Sucesso. *Anais do XXVIII Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro.
- Greatti, L., Gralik, E., Vieira, F. G. D., & Sela, V. M. (2010). Aprendizagem em Empreendedorismo dos Acadêmicos do Curso de Administração de uma Universidade Estadual no Sul do Brasil. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados*. 5ª Ed. Porto Alegre: Bookman.
- Hair, J. F., Hult, G. T. M., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2013). *A Primer on Partial Least Squares Structural Equation Modeling (PLS-SEM)*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Hair, J. F., Ringle, C. M., & Sarstedt, M. (2011). PLS-SEM: Indeed a Silver Bullet. *Journal of Marketing Theory and Practice*, 19, 139-151.
- Hecke, A. P. (2011). *A Intenção Empreendedora dos Alunos Concluintes dos cursos de Graduação em Administração e Ciências Contábeis das Instituições de Ensino de*

- Curitiba-PR.** Dissertação apresentada no Programa de Mestrado em Contabilidade, do setor de Ciências Sociais Aplicadas da UFPR.
- Iizuka, E. S., & Fujita, T. M. (2013). Produção Acadêmica em Empreendedorismo no Brasil: Análise dos Artigos Aprovados nos Eventos da ANPAD entre 2001 e 2012. *Anais do Ibero-Academy of Management. São Paulo, SP, Brasil, 2013.*
- Iizuka, E. S., & Moraes, G. H. S. M. (2013). Análise do potencial e perfil empreendedor do estudante de administração e o ambiente universitário: Reflexões para instituições de ensino. *Anais do Ibero-Academy of Management. São Paulo, SP, Brasil, 2013.*
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica.* 7ª edição.
- Lemonade Stories: Inspiring Entrepreneurs and the Mothers who Made Them.* (2003). Direção: Mary Mazzio. Massachusetts: Babson School and 50 Eggs, 2003. DVD (46 min).
- Maciel, A. S. (2010). *O Princípio da Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um Balanço do Período 1988-2008.* Tese (Doutorado) Universidade Metodista de Piracicaba – Faculdade de Ciências Humanas – Programa de Pós-graduação em Educação.
- Martens, C. D. P., & Freitas, H. (2006). A Influência do Ensino de Empreendedorismo nas Intenções de Direcionamento Profissional dos Estudantes de Curso Superior: uma Avaliação a partir da Percepção dos Alunos. *XXIV Simpósio da Gestão da Inovação Tecnológica - ANPAD,* Gramado, RS, Brasil.
- Matthews, C. H., & Moser, S. B. (1996). A longitudinal Investigation of the impact of family background and gender on interest in small firm ownership. *Journal of Small Business Management* – Apr.
- McClelland, D. C. (1961). *The Achieving Society.* Princeton: Van Nostrand.
- Murray, H. J. (1973). *Motivação e emoção.* Rio de Janeiro: Zahar.
- Nunally, J. C., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory.* New York: McGraw-Hill.
- Paiva Júnior, F. G., Almeida, L. F. L., & Oliveira, M. A. F. (2007). Perspectivas para a Formação Orientada para o Empreendedorismo: Uma Experiência Dialógica de Ensino no Curso de Graduação em Administração. *Anais do I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ – ANPAD,* Recife, Brasil.
- Ramos, S. C., & Ferreira, J. M. (2004). Levantamento das Práticas e Conteúdos do Ensino de Empreendedorismo nos Cursos de Graduação em Administração na Cidade de Curitiba – Pr. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração,* Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2004.
- Ringle, C. M., Wende, S., & Will, A. (2005). SmartPLS 2.0 M3 (beta). Germany: University of Hamburg. Disponível em: <<http://www.smartpls.de>>.
- Rocha, E. L. C., & Bacchi, G. A. (2010). Ensino de Empreendedorismo nos Cursos de Graduação em Administração na Cidade de Fortaleza: Um Estudo Comparativo dos Conteúdos e Instrumentos Pedagógicos. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração,* Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Santos, P. C. F., Minuzzi, J., & Cruz, N. J. T. (2007). O Ensino do Empreendedorismo nos Cursos de Administração: Sugestões a Partir do Perfil Empreendedor de Estudantes Alagoanos e Catarinense. *Anais do I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ – ANPAD,* Recife, Brasil.
- Saraiva, L. A. S., & Souza, Â. M. (2009). Representações Sociais, Práticas e Desafios do Ensino de Empreendedorismo na Graduação sob a Ótica dos Docentes: Um Estudo de

- Caso. *Anais do II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ – ANPAD*, Curitiba, Brasil.
- Scherer, R. F., & Adams, J. A. (1988). Developing entrepreneurial behaviors: a social learning theory perspective. *Journal of Organizational Change Management*.
- Souza, E. C. L. et al. (2004). Métodos e Técnicas de Ensino e Recursos Didáticos para o Ensino do Empreendedorismo em IES Brasileiras. *Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Souza Neto, S. P. et al. (2007). A Influência do Ensino do Empreendedorismo no Potencial Empreendedor do Aluno. *Anais do I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ – ANPAD*, Recife, Brasil.